

O que pensam as drag queens brasileiras acerca do HIV e da AIDS? Um estudo de caso sobre representações sociais

Thamyris Tabosa de Sousa¹
Ludgleydson Fernandes de Araújo²
Gutemberg de Sousa Lima Filho³
Mateus Egilson da Silva Alves⁴
Evair Mendes da Silva Sousa⁵

Resumo: Apesar dos avanços científicos na prevenção e cuidado, o HIV e a Aids mantêm-se como uma epidemia mundial. Um dos aspectos relacionados ao vírus é a estigmatização social, que associa o HIV a grupos marginalizados e/ou que rompem a lógica social heterocisnormativa e patriarcal, como as drag queens. Nesse sentido, este estudo buscou apreender as representações sociais sobre HIV e da Aids entre drag queens brasileiras. Contou-se com uma amostra composta por 12 drag queens, cuja idade variou de 18 a 35 anos. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico e a técnica de associação livre de palavras, através de um formulário on-line. Para a análise dos dados foram usados o software Microsoft Excel e critérios de redes semânticas. As representações sociais das drag queens sobre HIV e Aids ancoraram-se no conhecimento em relação ao vírus, especialmente a sua dimensão etiológica. Elas também destacam o preconceito e exclusão social vivido por pessoas que convivem com o HIV. Ademais, discorrem como os obstáculos psicossociais concorrem para o sofrimento psíquico e social de quem convive com HIV e Aids. Ressalta-se que as representações do HIV e da Aids são predominantemente negativas, o que corrobora a importância da elaboração de intervenções práticas e políticas públicas de saúde moldadas a esse grupo, inexistentes atualmente. Por fim, almeja-se fomentar a construção de novos estudos sobre esses fenômenos, a fim de ampliar a compreensão sobre HIV e Aids para as drag queens.

Palavras-chave: HIV; Aids; Drag queen; Representações Sociais.

¹Psicóloga Clínica e Mestra em Psicologia. Universidade Federal do Delta do Parnaíba. thamyristabosa@hotmail.com.

²Doutor em Psicologia pela Universidade de Granada (Espanha); Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Universidade Federal do Delta do Parnaíba. ludgleydson@yahoo.com.br.

³Mestrando em Psicologia. Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁴Mestre em Psicologia. Universidade Federal do Delta do Parnaíba. mateusegalves@gmail.com.

⁵Mestrando em Psicologia. Universidade Federal do Delta do Parnaíba. evairmendes@hotmail.com.

Introdução

Em 40 anos de história, o HIV (vírus da imunodeficiência humana) mantém-se como uma epidemia mundial que desafia e mobiliza diferentes parcelas da sociedade para o seu enfrentamento (Araújo et al., 2023; Lucas; Böschemeier; Souza, 2023). Apesar da atenuação no crescimento de casos, potencializada pela introdução de métodos de prevenção, controle e educação em saúde, o número de notificações ainda cresce e é substancial: até meados de 2022, em torno de 39 milhões de pessoas viviam com HIV no mundo, conforme o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS, 2023). No Brasil, 43.403 infecções pelo HIV foram notificadas no ano de 2022 (Brasil, 2023).

O HIV e sua manifestação através da Aids (síndrome da imunodeficiência adquirida) constituem uma epidemia multidimensional que possuem reflexos específicos no Brasil, pela heterogeneidade e desigualdade social do país (Araújo et al., 2023; Martins et al., 2018). No entanto, os investimentos e avanços científicos ocorridos desde o surgimento do vírus conduziram a Aids ao status de doença crônica, possibilitando a introdução terapêutica e minimizando os impactos ocasionados pela doença em seus primeiros anos. Com isso, as pessoas que vivem com o vírus puderam alcançar melhor qualidade de vida (especialmente nos domínios biopsicossocial) e elevar a expectativa de vida (Alckmin-Carvalho; Silva; Simão; Nichiata, 2024; Araújo et al., 2023; Teva; Araújo; Bermúdez, 2018; Souza; Araújo, 2024).

A origem do HIV na década de 1980 gerou impacto mundial, particularmente por seu aspecto desconhecido, pela intensidade e extensão dos danos causados nos primeiros casos identificados (Guerra, 2023; Martins et al., 2018). A acelerada propagação do vírus e piora dos casos – evoluindo para óbitos em sua maioria – classificou a infecção pelo HIV como uma epidemia a nível mundial e um desafio para a saúde pública, endossado por forte componente social (Guerra, 2023; Leite, 2020; Sousa; Araújo, 2024).

Uma das principais características relacionadas ao vírus desde seu surgimento é a estigmatização social relacionada principalmente aos homossexuais, profissionais do sexo e pessoas que usam drogas injetáveis (Jodelet, 2001; Guerra, 2023; Leite, 2020). Os primeiros casos associados aos homossexuais resultaram na vinculação da doença a esse grupo de forma tão enfática que a Aids (e também o HIV) passou a ser conhecida como “peste gay” ou “câncer gay” (Geurra, 2023; Leite, 2015), em referência a um castigo divino pela prática homossexual (Jodelet, 2001). A mídia, em uma abordagem sensacionalista, foi uma importante disseminadora desse estigma, especialmente ao noticiar a morte de artistas homossexuais, acrescentando a natureza artística ao vírus, como ressaltam os autores.

O impacto causado pela Aids alcançou diferentes populações, contudo o efeito na população LGBTQIAPN+⁶ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e outras expressões de sexualidade) foi avassalador, tornando-se uma ameaça em escala mundial que redimensionou seus modos de vida (Caetano; Nascimento; Rodrigues, 2018; Ministério da Saúde, 2024).

Nesse contexto, toda a comunidade LGBTQIAPN+ sofreu repressões em razão das orientações sexuais, expressões e identidade de gênero divergentes, bem como a classe artística associada à comunidade representada especialmente pelas drag queens. Essa classe se destaca por absorver, através da rede performática, traços identitários e questões micropolíticas inerentes aos corpos, envolvendo desde a postura corporal, entonação da voz e signos gestuais ligados à tradição relacionada aos estereótipos e códigos do gênero feminino, tencionando-os e ressignificando-os através da paródia e do exagero (Amanajás, 2015; Dalla Vecchia; Ferreirinho, 2020; França, 2022; Chidiac; Oltramari, 2004).

⁶Adotou-se no texto a sigla LGBTQIAPN+, e não apenas LGBT, visando abranger as diferentes realidades da sexualidade em suas orientações sexuais, expressão de gênero e identidade de gênero discutidas atualmente sobre a promoção de equidade em saúde deste público (Ministério da Saúde, 2024).

Historicamente, as drag queens não eram vistas como artistas pela sociedade heterocisnormativa, contudo – ao buscarem enaltecer o caráter performático e disruptivo de suas apresentações – passaram também a se associar às demandas da população LGBTQIAPN+. Dessa forma, além de entretenimento, as drag queens acumularam função social e política, inclusive na defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ e ao problematizar as concepções sociais sobre gênero binário. Portanto, ser drag queen não é apenas reproduzir a feminilidade de forma heterocisnormativa. Ademais, as práticas de dragqueenismo ampliam tais performances de gênero ao apropriar-se destas de diversas formas, influenciando e sendo influenciadas pelo contexto em que se dá (Trevisan, 2000; Villanueva-Jordán, 2017; Villanueva-Jordán et al, 2024).

Ao longo dos anos, diversas casas de show se voltaram para o público LGBTQIAPN+, nesse ínterim, as drag queens passaram a frequentar esses espaços, consolidando sua associação ao grupo, apesar de nem sempre fazerem parte dele (Pereira, 2021). Desse modo, a proximidade com o público LGBTQIAPN+ é evidente, entretanto, como destacado anteriormente, mesmo próximos os grupos não se confundem, visto que a atuação das drag queens é compreendida de forma desvinculada da orientação e identificação de gênero (Liu, 2016; Moura; Vinhas; 2023).

Denota-se, nas últimas décadas, o aumento da visibilidade drag queen, principalmente pelo alcance midiático de séries, programas e documentários que passaram não apenas a incluir, mas também a protagonizar a figura da drag queen. Dentre essas atrações, destaca-se o papel fundamental do reality “Rupaul's Drag Race”, criado, apresentado e protagonizado por drag queens, tendo influência global na cena drag (Campana, 2017; Moura; Vinha, 2023; Pereira, 2016, 2017; Tavares; Branco, 2021). Páginas e canais da internet que se destinam a enaltecer cultura drag se popularizaram entre os diferentes públicos, não diferente, as artistas drag queens vêm ganhando visibilidade mundial como RuPaul e Pabllo Vittar (Campana, 2017; Liu, 2016).

Dessa forma, considerando o percurso histórico das drag queens, seu papel político-social e sua crescente visibilidade na sociedade, expandir estudos com esse público é contribuir para uma ciência mais diversa e equânime. Logo, com a intenção de identificar conhecimentos construídos e compartilhados por drag queens a respeito do HIV e da Aids, é que se buscou investigar as suas representações sociais sobre esta temática.

Ademais, considerando a invisibilidade científica traduzida pela escassez de estudos sobre drag queens e reconhecendo que a compreensão de suas representações sociais em relação ao HIV e à Aids podem auxiliar na formulação de políticas ou intervenções de saúde voltadas às mesmas e otimizar as práticas direcionadas a todo o grupo LGBTQIAPN+, o presente estudo objetivou apreender as representações sociais sobre o HIV e da Aids entre as drag queens brasileiras.

Método

Tipo de Pesquisa

A pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, a partir da apreensão de informações coletadas com as pessoas participantes em relação ao HIV e à AIDs. Além disso, o estudo tem natureza descritiva, considerando-se que utiliza as representações sociais (RS) como aporte teórico na discussão dos dados analisados. As representações sociais correspondem a um tipo de conhecimento elaborado e partilhado socialmente, com um objetivo prático de construir uma realidade comum a um grupo social. Desse modo, a partir da apreensão das RS, pode-se compreender características do pensar, individualmente e grupalmente, bem como sobre as interações cotidianas que contribuem para a construção de significados e crenças (Alves; Araújo; Lima; Alcântara, 2022; Costa et al., 2012; Jodelet, 2001).

De acordo com Moscovici (2007), as RS buscam a familiarização, processo em que se transforma um objeto não familiar em algo familiar, conhecido. Assim, as representações sociais constituem-se em um conhecimento diferente do científico, designado como do senso comum, no entanto, tão legítimo quanto o primeiro (Jodelet, 2001), a partir do qual pode-se verificar como um grupo compreende fenômenos e conceitos.

Conhecer as RS do HIV e da Aids de determinado grupo favorece a compreensão sobre as interpretações sociais compartilhadas em seu meio, possibilitando reconhecer como elas orientam as atitudes de tais grupos. Possibilita ainda conhecer aspectos relacionados à epidemia e a criação de políticas flexíveis a determinados grupos, sobretudo pelo HIV não ser compreendido como uma epidemia uniforme, mas como um conjunto de microepidemias, sem padrão epidemiológico para todos os grupos ou regiões do país (Brasil, 2002; Castro et al., 2019; Freitas; Santos; Araújo, 2019; Jodelet, 2001; Maia; Reis Junior, 2019; Sousa et al., 2022).

Participantes

As participantes foram selecionadas através do método bola de neve e de divulgações em redes sociais. Foram contatadas de forma on-line e esclarecidas sobre o estudo, objetivos, riscos e benefícios, consentindo, em seguida, com a participação na pesquisa. Participaram 12 drag queens, com idades entre 18 e 25 anos. O perfil das participantes é apresentado na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Dados sociodemográficos das participantes

Variável		N°	%
Gênero	Homem	12	100
Orientação Sexual	Homossexual	11	91,7

	Bissexual	1	8,3
Escolaridade	Pós-Graduação	1	8,3
	Superior	3	25
	Superior Incompleto	6	50
	Ensino Médio	1	8,3
	Ensino Médio Incompleto	1	8,3
	Ocupação	Estudante	5
Pedagogo(a)		1	8,3
Engenheiro(a)		1	8,3
Atendente de telemarketing		1	8,3
Doceiro/confeiteiro(a)		1	8,3
Gerente		1	8,3
Psicólogo(a)		1	8,3
Autônomo(a)		1	8,3
Renda	<1 salário	1	8,3
	Um salário	3	25
	Entre 1 e 2 salários	5	41,7
	>3 salários	1	8,3

Fonte: autoria própria

Com base na Tabela 1, percebe-se a unanimidade das participantes do gênero masculino e majoritariamente homossexuais (91,7%), constituindo, assim, membros da população LGBTQIAPN+, apesar de alguns autores (Amanajás, 2015; Liu, 2016) reiterarem que a orientação sexual não deve vincular-se à atuação como drag queen.

A renda predominante entre as drag queens foi de um a dois salários mínimos (66,7%), em conformidade com as ocupações mencionadas. Verificou-se uma diversidade de profissões entre as mesmas, que podem constituir a fonte de renda primária, tendo em vista que a atuação como drag queen reflete uma remuneração

insuficiente, classificada como uma dificuldade da atuação, como retratam estudos anteriores. Desse modo, drag queens, mesmo quando atuam de maneira remunerada, tendem a exercerem outras funções de trabalho (Campana, 2017; Pereira, 2016; Villanueva-Jordán et al., 2024). Consoante a isso, um estudo de Rodrigues e Helmer (2020) destacam a sensação de desvalorização do trabalho apontada por algumas drag queens.

Sobre o tempo em que se caracterizam e/ou se apresentam como drag queens, o que se constata é a recente inserção no grupo: mais da metade dos participantes (75%) afirmam ser drag queen há um período de até três anos, critério que as classificam como iniciantes. Nesse período, as drag queens tendem a buscar o apoio das mais experientes, a quem chamam de mães (Liu, 2016; Villanueva-Jordán et al, 2024). No entanto, vale destacar a participação, no presente estudo, de drag queens com mais de 10 anos de atuação (8,3%).

Coleta de dados

Os dados foram coletados através de um formulário on-line feito no *Google Forms*, disponibilizado e divulgado com o auxílio de redes sociais. Antes de iniciar a coleta, as participantes foram informadas sobre o estudo, objetivos, o caráter voluntário e anônimo de sua participação e a possibilidade de desistência em qualquer momento da pesquisa. Aceitaram participar através do preenchimento de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informadas dos demais aspectos éticos da realização da pesquisa.

Ressalta-se que o estudo respeitou todos os preceitos éticos para as pesquisas de caráter educacional e/ou profissional, conforme propõem as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e 510/2016, como também pela portaria circular nº2/2021 disponibilizada pelo CONEP (Conselho Nacional de Ética e Pesquisa), sobre pesquisas em ambientes virtuais.

A coleta teve início com o questionário sociodemográfico e, em seguida, foi aplicada a TALP: a princípio, os participantes tinham orientações sobre seu preenchimento, enfatizando a utilização de uma palavra em vez de frases e a relevância da hierarquização das mesmas por ordem de importância. Vale destacar que não houve recusa na participação da pesquisa. O tempo médio para preenchimento dos instrumentos foi de 15 minutos.

Instrumentos

Utilizou-se para este estudo dois instrumentos: um questionário sociodemográfico e a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). O questionário sociodemográfico, utilizado para a caracterização da amostra da pesquisa, continha questões sobre gênero, orientação sexual, idade, estado civil, escolaridade, ocupação, tempo como drag queen e contato com pessoas vivendo com HIV.

A TALP é um instrumento de pesquisa que possibilita evidenciar, a partir de diferentes estímulos, universos semânticos através da saliência dos universos comuns de palavras (Coutinho; Bu, 2017). Ainda conforme os autores, o estímulo pode ser verbal, não verbal ou icônico e refere-se ao objeto cuja representação está sendo investigada. Assim, a técnica de associação livre de palavras é um tipo de investigação aberta, na qual, através da evocação de respostas dadas após um estímulo, é possível evidenciar campos semânticos relacionados à representação de um objeto (Machado; Aniceto, 2010). A TALP vem sendo bastante utilizada em pesquisas na psicologia social, especialmente aquelas pautadas pela teoria das representações sociais (Coutinho; Bu, 2017).

Desse modo, a TALP foi utilizada com o objetivo de apreender as representações sociais sobre HIV e Aids, a partir dos seguintes estímulos indutores: 'HIV/Aids', 'Pessoa vivendo com HIV/Aids' e 'Camisinha'. Para o preenchimento da TALP, as participantes eram orientadas a escreverem hierarquicamente cinco palavras que lhe

surgiam à mente a partir de cada estímulo indutor, de acordo com a ordem de importância, na qual o número um representa a palavra mais importante e, o número cinco, a palavra menos importante.

Análise de dados

Os dados sociodemográficos foram transcritos em tabelas com o auxílio do software Microsoft Excel, em seguida foram analisados através de estatística descritiva para caracterização da amostra.

Os dados da TALP foram transcritos para o software Microsoft Excel, categorizando as palavras em unidades semânticas e agrupando-as com o nível de significação próxima, ou seja, de acordo com seus significados, como aponta Vera-Noriega (2015). Destaca-se que, nessa fase, contou-se também com o auxílio de um juiz, ou seja, um expert em análises com rede semântica, para verificação da acurácia da análise dos dados colhidos de acordo com os critérios de rede semântica.

Os critérios da rede semântica (Vera-Noriega, 2015) compreendem: núcleo da rede (NR), peso semântico (PS) e distância semântica (DS). O núcleo da rede consiste na identificação das palavras que melhor definem o estímulo. A obtenção dos respectivos pesos semânticos foi realizada respeitando-se a ordem de evocação: o primeiro núcleo da rede tem sua quantidade de evocações multiplicado por 5; o segundo núcleo tem sua quantidade de evocações multiplicado por 4; e assim sucessivamente, até o número 1. Por fim, a distância semântica foi realizada a partir de regra de três simples, em que atribuiu-se 100% à palavra (NR) com peso semântico mais alto, e as demais foram definidas a partir desse valor (Vera-Noriega, 2015).

Resultados e Discussão

As participantes da pesquisa, ao relatarem sobre o contato com pessoas vivendo com HIV descreveram-no como proveniente de relações afetivas, de amizade e com conhecidos. Acrescenta-se que pode ser uma realidade a possibilidade de relações afetivas e sexuais com pessoas com HIV, sem ter conhecimento, considerando que a condição sorológica nem sempre é compartilhada nos relacionamentos. Ademais, esses aspectos podem ser potencializados pela característica artística das drag queens, que favorece aproximações com interesse sexual e afetivo nos locais de apresentação e após suas performances, como verificaram Pereira (2016) e Vencato (2002) em suas pesquisas com drag queens. Portanto, é importante atentar para a possibilidade de comportamentos de exposição pelo grupo.

Para compreender os conhecimentos ancorados pela amostra participante sobre o HIV e da Aids, os dados obtidos por meio da TALP foram organizados e foi elaborada a rede semântica dos elementos evocados a partir dos estímulos indutores. O estímulo indutor “HIV/Aids” possibilitou a elaboração da rede semântica da Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Rede semântica das RS das drag queens sobre o estímulo indutor “HIV/Aids”

HIV/Aids		
Núcleo da Rede (NR)	Peso Semântico (PS)	Distância Semântica Qualitativa (DSQ) %
Doença	35	100%
Incurável	28	80%
Tratamento	24	68,57%

Preconceito	8	22,85%
Exclusão	4	11,42%

Fonte: autoria própria.

A Aids e seu agente etiológico (HIV) foram representados principalmente como uma doença (100%) que não tem cura (80%), mas possui tratamento (68,57%). A concepção das drag queens considera as mudanças científicas que ocorreram na trajetória do enfrentamento à doença, como o advento da terapia antirretroviral (TARV), que, apesar de não proporcionar a cura, favoreceu tratamento e promoveu a Aids ao estado de patologia crônica (Freitas; Santos; Araújo, 2019; Sousa; Araújo, 2024). Tais considerações demonstram que as participantes possuem compreensões ancoradas em conhecimentos científicos, coerentes com o nível de escolaridade da amostra, concentrada entre ensino superior completo e incompleto (75%).

Foram objetivados ainda aspectos sociais relacionados ao HIV e à Aids como preconceito e exclusão, termos que podem estar correlacionados, inclusive, como causa e efeito, fazendo referência ao estigma social do vírus e o sofrimento das pessoas que vivem com o HIV (PVHIV) (Castro et al., 2019; Leal; Coêlho, 2016; Teva; Araújo; Bermúdez, 2018). Ademais, o principal estigma do HIV faz referência ao público LGBTQIAPN+, que são discriminados socialmente desde a origem do vírus, quando a Aids foi considerada um castigo pelo comportamento promíscuo de homossexuais (Almeida; Braga, 2015), orientação sexual predominante entre os participantes desta pesquisa.

Sobre o estímulo “Pessoa vivendo com HIV/Aids”, as evocações das drag queens resultaram principalmente em problemas psicossociais (100%), que podem estar associados ao tratamento (93%) e/ou à doença (60%), causando sofrimento psíquico (26,66%) como a tristeza (13,33%), como observa-se na Tabela 03.

Tabela 3: Rede semântica das RS das drag queens sobre o estímulo indutor “Pessoas vivendo com HIV/Aids”

PESSOA VIVENDO COM HIV/Aids		
Núcleo da Rede (NR)	Peso Semântico (PS)	Distância Semântica Qualitativa (DSQ) %
Problemas psicossociais	30	100%
Tratamento	28	93%
Doença	18	60%
Sufrimento psíquico	8	26,66%
Tristeza	4	13,33%

Fonte: autoria própria

As representações das participantes salientam sofrimentos psíquicos e psicossociais relacionados à doença e ao tratamento de PVHIV, ao passo que a convivência com o HIV dá-se de forma interseccional, ao se acumularem fatores de agravo além dos aspectos biológicos (Alves; Araújo, 2020; Sousa; Araújo, 2024). Essas representações podem decorrer de inúmeros fatores, uma vez que estudos sobre o HIV têm demonstrado que impactos emocionais são vivenciados em muitos momentos no decorrer da infecção, como no momento do diagnóstico, na vivência do sigilo da condição sorológica (devido ao receio de julgamentos); na dificuldade de autoaceitação; nas possíveis barreiras das relações interpessoais e laborais; nos efeitos do tratamento, entre outros (Araújo et al., 2017; Santana et al., 2018).

É perceptível que as representações estão ancoradas, sobretudo em componentes negativos e podem refletir a visão de mundo apropriada pelo grupo. Ademais, tais objetivações podem ter relações com o distanciamento mencionado entre drag queens e PVHIV, nesse estudo uma minoria entre as drag queens referem algum tipo de contato com PVHIV (33,3%). Contudo, é importante considerar que a condição sorológica positiva para o vírus envolve, muitas vezes, o sigilo nas relações sociais como uma forma protetiva contra o preconceito e a estigmatização, historicamente associados ao HIV. Acentua-se que a eficácia do tratamento antirretroviral (ARV) é um fator diretamente ligado ao sigilo da condição sorológica, pois a adesão ao tratamento possibilita uma vida saudável (inclusive com carga viral indetectável e intransmissível), que pode distanciar a percepção de adoecimento por terceiros (Oliveira; Fortuna; Ferraz; Oliveira; Ferraz, 2024). Dessa forma, o desconhecimento de situações sorológicas pode ser um viés no que se refere ao distanciamento mencionado entre as participantes e as PVHIV.

O último estímulo indutor “camisinha” resultou em representações da mesma como método protetivo (100%), que oferece segurança (91,42%), prevenção (42,85%) e é uma forma de cuidado (11,42%), possivelmente em relação às infecções sexualmente transmissíveis (IST). No entanto, aspectos relacionados ao uso também foram representados, como o desconforto (17,14%), apresentado na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Rede semântica das RS das drag queens sobre o estímulo indutor “Camisinha”

CAMISINHA		
Núcleo da Rede (NR)	Peso Semântico (PS)	Distância Semântica Qualitativa (DSQ) %
Proteção	35	100%

Segurança	32	91,42%
Prevenção	15	42,85%
Desconforto	6	17,14%
Cuidado	4	11,42%

Fonte: autoria própria.

As evocações associadas à proteção durante a prática sexual podem relacionar-se principalmente ao cuidado contra as ISTs, o que sugere o reconhecimento da camisinha como meio efetivo de prevenção (Araújo et al., 2017; Menezes, 2021), resultado semelhante a um estudo anteriormente realizado com pessoas LGBTQIAPN+ (Freitas, 2016), no qual o grupo apresentou amplos conhecimentos sobre a prevenção de ISTs, especialmente o HIV.

Contudo, estudos com pessoas LGBTQIAPN+ e com diferentes grupos têm demonstrado que o conhecimento sobre a importância do preservativo não é um preditor do seu uso (Araújo et al., 2017; Castro et al., 2019; Freitas, 2016). Apesar da popularização das informações e do acesso aos métodos preventivos, o uso da camisinha está mais relacionado a fatores sociais, culturais e emocionais que tangenciam seu uso durante as relações sexuais e conseqüentemente determina a possibilidade de exposição ao HIV e a outras ISTs (Angelim et al., 2017; Araújo et al., 2017; Reis; Melo; Gir, 2016). Considerando esse contexto, verifica-se que as participantes desta pesquisa associaram a camisinha ao desconforto que, apesar de aparecer isoladamente, pode ter poder de decisão quanto ao uso nas relações sexuais.

O fato de as drag queens se apresentarem artisticamente permite uma ampla rede de contato social, com possibilidades de relacionamentos sexuais mais frequentes (Pereira, 2016; Vencato, 2002). Sendo assim, os conhecimentos representados sobre a

camisinha podem constituí-la como uma das formas de proteção sexual elaborada e adotada pelo grupo, como constatado em estudo anterior (Menezes, 2021).

Considerações Finais

Este estudo alcançou o objetivo de apreender as representações sociais sobre o HIV e da Aids entre a amostra de drag queens que participaram desta pesquisa, possibilitando perceber que as participantes ofereceram representações próximas aos conhecimentos científicos em relação ao HIV, Aids e à camisinha, coerente com o nível de escolaridade da amostra e possivelmente relacionada às possibilidades de proteção sexual ancoradas pelo grupo. Apesar do conhecimento sobre os métodos preventivos (como a camisinha) ser um fator protetivo contra a infecção do HIV, não é preditivo do seu uso durante as relações sexuais. Esse fato, quando associado à frequência sexual do grupo e possível relacionamento com PVHIV (como relataram os participantes), caracteriza a exposição ao vírus. Entretanto, esse não se trata de um dado conclusivo, tendo em vista o crescente uso de medicações com o intuito de proteção contra o HIV de forma prévia e mesmo posterior à exposição ao sexo sem preservativo.

As representações direcionadas às PVHIV são predominantemente negativas, alusivas ao sofrimento psíquico e social, o que sugere a dificuldade do grupo em perceber estratégias de enfrentamento e resiliência entre as pessoas que convivem com o vírus, podendo ser justificado pelo contato reduzido dos participantes com PVHIV. Conclui-se, então, que essas representações podem estar relacionadas ao estigma pertencente ao vírus.

Os resultados demonstraram que todos as participantes desta pesquisa pertencem à comunidade LGBTQIAPN+, o que demonstra uma possível associação entre a atuação como drag queen e a orientação sexual, especificamente no grupo participante, diferindo da realidade apreendida nos estudos apresentados anteriormente. Também, a atuação das participantes demonstra estar associada a diferentes motivações que não

seja a geração de renda, pela existência de outros papéis laborais entre as participantes, em consonância com estudos anteriores com drag queens.

No tocante às limitações da pesquisa, destaca-se a impossibilidade da generalização dos resultados para a população geral, devido à restrição da amostra, decorrente da natureza do estudo. Assim, sugere-se o desenvolvimento de novas pesquisas com uma amostra maior, para possível generalização de resultados, especialmente que priorizem o grupo de drag queens no contexto do HIV e Aids, para suprir a lacuna teórica existente decorrente da invisibilidade científica do grupo, sobretudo no contexto brasileiro, o que constituiu uma dificuldade desta análise.

Ademais, um estudo desenvolvido com população mais ampla poderá de forma mais segura averiguar a relação, no contexto brasileiro, entre orientação sexual e atuação como drag queen. Outrossim, o presente estudo não abordou medidas de proteção contra o HIV mais modernas, como por exemplo PREP e PEP; deste modo, estudos futuros podem dar ênfase em tais métodos, a fim de apreender de forma mais completa acerca da proteção ou exposição ao vírus entre os participantes.

Por fim, espera-se que os resultados deste estudo colaborem para a elaboração de intervenções práticas e políticas públicas de saúde moldadas às drag queens, inexistentes até o momento. Observa-se que o grupo possui muitos conhecimentos sobre HIV, Aids e camisinha, dessa forma é importante que as campanhas, intervenções e/ou políticas públicas ultrapassem o caráter informativo e priorizem a mudança de comportamento, a fim de minimizar a exposição à infecção, considerando o possível relacionamento sexual com PVHIV, mencionado pelos participantes, além de possibilitar a desconstrução de estigmas relacionados às PVHIV.

Referências

ALCKMIN-CARVALHO, F.; SILVA, M. M. S.; SIMÃO, N. S.; NICHATA, L. Y. I. Qualidade de vida de pessoas que vivem com HIV no Brasil: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 16, 2024. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/17425>. Acesso em 25 mai. 2024.

ALMEIDA, M. A.; BRAGA, C. F. O estigma da AIDS e o preconceito contra os homossexuais: o estudo da discriminação contra homossexuais segundo a Teoria das Representações Sociais. **Comunicação, Cidadania e Cultura. Goiânia: UFG/FIC/PPGCOM**, p. 95-105, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018>. Acesso em 24 jul. 2022

ALVES, M. E. S.; ARAÚJO, L. F. Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: Compreensões Para a Velhice de Negros LGBTI+. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 161-178, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3517>. Acesso em 13 mar. 2022

ALVES, M. E. S.; ARAÚJO, L. F.; LIMA, G. S. F.; ALCÂNTARA, J. G. Aspectos Psicossociais da Qualidade De Vida Entre Pessoas Idosas Brasileiras No Contexto Da Pandemia da Covid-19. **Revista Iberoamericana de Psicología**, v. 15, n. 3, p. 26-38, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33881/2027-1786.rip.15303>. Acesso em 07 jul. 2022.

AMANAJÁS, I. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, v. 16, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.belasartes.br/wp-content/uploads/2023/05/drag-queen-um-percurso-historic-o-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>. Acesso em 24 jul. 2022

ANGELIM, R. C. M. et al. Representações sociais de estudantes de escolas públicas sobre as pessoas que vivem com HIV/Aids. **Saúde em Debate**, v. 41, p. 221-229, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711218>. Acesso em 24 jul. 2022.

ARAÚJO, H. M. C.; NASCIMENTO, T. A. A.; BORGES, N. B. G.; PRADO, C. M.; COSTA, L. N. M.; COSTA, F. M.; ... & SILVA, J. C. D. O. Quatro décadas após a epidemia de HIV/AIDS: conquistas e desafios. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 343-360, 2023. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/617/2310>. Acesso em 25 mai. 2024.

ARAÚJO, L. F. et al. Concepções Psicossociais acerca do Conhecimento sobre a AIDS das Pessoas que Vivem com o HIV. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 26, n. 2, p. 219-230, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/66341>. Acesso em 24 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim Epidemiológico - HIV e Aids 2023**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids-2023.pdf/@@download/file>. Acesso em 25 mai. 2024.

CAETANO, M.; NASCIMENTO, C.; RODRIGUES, A. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In. GREEN, J. N.; QUINALHA, R; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.) **História do movimento LGBT no Brasil, São Paulo, Alameda**, 2018.

CAMPANA, N. S. **O ato político por trás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2017.

CASTRO, J. L. C. et al. Representações sociais do VIH/SIDA para adolescentes: Uma abordagem estrutural. **Análise Psicológica**, v. 37, n. 1, p. 15-27, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.1492>. Acesso em 24 jul. 2022.

DALLA VECCHIA, L. C.; FERREIRINHO, G. C. O Que É Necessário Para Ser Uma Drag Queen De Sucesso? Negociações Performáticas E Estéticas Entre Corpos Desviantes E O Público Mainstream. **Tropos: Comunicação, Sociedade E Cultura**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3925>. Acesso em: 5 jun. 2024.

CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, v. 9, p. 471-478, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300009>. Acesso em 24 jul. 2022.

COSTA, T. L. et al. Persons living with AIDS in nurses' social representations: analysis of central, contranormative and attitudinal elements. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 20, p. 1091-1099, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000600011>. Acesso em 24 jul. 2022.

COUTINHO, M. P. L.; BÚ, E. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). **Revista Campo do saber**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/72>. Acesso em 25 mai. 2024.

FRANÇA, W. C. Quem vê close não vê corre: um estudo acerca da visibilidade, representatividade e ato político da arte drag. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 100-124, 2022. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/522>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FREITAS, F. R. S.; SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F. Representaciones sociales de agentes comunitarios de salud sobre el SIDA. **Perspectivas en Psicología**, v. 16, n. 1, p. 76-87, 2019. Disponível em: <http://200.0.183.216/revista/index.php/pep/article/view/408>. Acesso em 24 jul. 2022.

FREITAS, N. O. **Representações Sociais sobre HIV/AIDS de Jovens Homossexuais Masculinos: implicações nas práticas de prevenção** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17432>. Acesso em 24 jul. 2022.

GUERRA, I. A. **A cultura da exclusão homens gays e HIVAIDS de 1990 a 1999**. 2023. 54 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38355>. Acesso em 20 mai. 2024.

JODELET, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

LEAL, N. S. B.; COÊLHO, A. E. L. Representações sociais da AIDS para estudantes de Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, p. 9-16, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/918>. Acesso em 15 set. 2022.

LEITE, D. S. A AIDS no Brasil: mudanças no perfil da epidemia e perspectivas / AIDS in Brazil: changes in the epidemic profile and perspectives. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 57382-57395, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-228>. Acesso em 20 mai. 2024.

LEITE, K. L. C. O que fez da AIDS a peste atemorizante do século XX. Uma análise das implicações simbólicas. **RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 14, n. 41, p. 159-169, 2015. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/LeiteKelma%20Art.pdf>. Acesso em 15 set. 2022.

LIU, D. S. **O percurso histórico da cultura drag: uma análise da cena queer carioca** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

LUCAS, M. C. V.; BÖSCHEMEIER, A. G. E.; SOUZA, E. C. F. D. Sobre o presente e o futuro da epidemia HIV/Aids: a prevenção combinada em questão. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33053, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202333053>. Acesso em 20 mai. 2024.

MACHADO, L. B.; ANICETO, R. D. A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 18, p. 345-363, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000200009>. Acesso em 20 mai. 2024.

MAIA, É. C. A.; REIS JUNIOR, L. P. Modos de enfrentamento do HIV/AIDS: direitos humanos, vulnerabilidades e assistência à saúde. **Revista do NUFEN**, v. 11, n. 1, p. 178-193, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912019000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 set. 2022.

MARTINS, A. A. et al. Percepções de graduandos em saúde sobre relacionamentos sorodiscordantes para o HIV/AIDS. **Saúde em Redes**, v. 4, n. 2, p. 71-84, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2018v4n2p71-84>. Acesso em 24 jul. 2022.

MENEZES, L. M. J. (2021). Vulnerabilidades de saúde e sexuais de mulheres transexuais e travestis negras. **Boletim Do Instituto De Saúde - BIS**, v. 22, n. 1, p. 97-110. Disponível em: <https://doi.org/10.52753/bis.v22i1.38610>. Acesso em 20 mai. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **População LGBTQIAPN+**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade-em-saude/populacao-lgbtqia-pn>. Acesso em 30 mai. 2024.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Vozes, 2007.

MOURA, W. H. C.; VINHAS, L. I. «But, bitch, I'm still serving it». La subtitulación de un verbo del lenguaje drag en RuPaul's Drag Race al português brasileiro: nuevos significados, viejas palabras. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 182-203, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.mut/v16n1a11>. Acesso em: 10 jun. 2024.

OLIVEIRA, G. M. L.; FORTUNA, A. F. L.; FERRAZ, M. E. D.; OLIVEIRA, N. A.; FERRAZ, J. G. D. Desenvolvimentos recentes em terapias antirretrovirais para o tratamento do HIV. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e69142, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n2-428>. Acesso em: 07 jun. 2024.

PEREIRA, L. M. D. **O que canta a drag queen?: limites e disputas em torno da categorização da produção musical de drag queens no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49152>. Acesso em 10 jun. 2024.

PEREIRA, L. Telas de glitter: O poder das drag queens na cultura da mídia. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Fortaleza, Ceará, Brasil, 19, 2016. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/trabalhos_dt.htm. Acesso em 15 set. 2022.

REIS, R. K.; MELO, E. S.; GIR, E. Fatores associados ao uso inconsistente do preservativo entre pessoas vivendo com HIV/Aids. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, p. 47-53, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690106i>. Acesso em 15 set. 2022.

SANTANA, P. P. C. et al. Fatores que interferem na qualidade de vida de idosos com HIV/Aids: uma revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. e59117, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4836/483660655025/483660655025.pdf>. Acesso em 15 set. 2022.

SANTOS, J. V. O. et al. Adoção de crianças por casais homossexuais: As representações sociais. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 139-152, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-06Pt>. Acesso em 15 set. 2022.

SOUSA, E. M. S. et al. Pessoas vivendo com VIH, pessoas LGBT e vivências interseccionais: concepções de adultos jovens sobre a velhice e o envelhecimento. **Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social**, v. 8, n. 2, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31211/rpics.2022.8.2.243>. Acesso em 07 jul. 2023.

SOUSA, T. T.; ARAÚJO, L. F. Representações Sociais da Qualidade de Vida entre Pessoas Vivendo com HIV. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 24, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/61968/49645>. Acesso em 10 jun. 2024.

TAVARES, J. L.; BRANCO, S. O. Drag language translation on RuPaul's Drag Race: a study on representation through subtitles. **Revista Letras Raras**, v. 10, n. 1, p. 204-229, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10263382>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TEVA, I.; ARAÚJO, L. F.; BERMÚDEZ, M. P. Knowledge and concern about STIs/HIV and Sociodemographic variables associated with getting tested for HIV among the general population in Spain. **The Journal of psychology**, v. 152, n. 5, p. 290-303, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00223980.2018.1451815>. Acesso em 15 set. 2022.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada): A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

UNAIDS. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids. **Actualización Mundial Sobre El Sida 2023**, 2023. Disponível em: https://thepath.unaids.org/wp-content/themes/unaids2023/assets/files/executive_summary_sp.pdf. Acesso em 25 mai. 2024.

VALLE, C. G. Identidades, doença e organização social: um estudo das "pessoas vivendo com HIV e AIDS". **Horizontes antropológicos**, v. 8, p. 179-210, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000100010>. Acesso em 15 set. 2022.

VENCATO, A. P. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina, Brasil, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84381>. Acesso em 15 set. 2022.

VILLANUEVA-JORDÁN, I. "Yo soy una drag queen, no soy cualquier loco". Representaciones del dragqueenismo en Lima, Perú. **Península**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pnsla.2017.06.005>. Acesso em: 10 jun. 2024.

VILLANUEVA-JORDÁN, I. CÂNDIDO MOURA, W. H.; SCALVENZI, N. 'Nem com os saltos mais altos você está à minha altura': o dragqueenismo de Lima, Peru, e a transformação de capitais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 7, n. 22, p. 1-27, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16300>. Acesso em: 10 jun. 2024.

What do Brazilian drag queens think about HIV and AIDS? A case study on social representations

Abstract: Despite scientific advances in prevention and care, HIV and AIDS remain a global epidemic. One of the aspects related to the virus is the social stigmatization, which associates HIV with marginalized groups or who are not part of the heterocisnormative and patriarchal social logic, such as drag queens. Thus, this study aimed to understand the social representations about HIV and AIDS among drag brazilian women. The sample consisted of 12 drag queens, whose age ranged from 18 to 35 years. For data collection, a sociodemographic questionnaire and the free word association technique were used through an online form. For data analysis, Microsoft Excel software and semantic network criteria were used. The drag queens' social representations of HIV and AIDS were associated in their knowledge of the virus, especially its etiological dimension. They also highlight the prejudice and social exclusion experienced by people living with HIV. Furthermore, they discuss how psychosocial obstacles corroborate the psychological and social suffering of those living with HIV and Aids. The representations of HIV and AIDS are predominantly negative, which corroborates the importance of developing practical interventions and public health policies for drag queens, which does not currently exist. Finally, the aim is to encourage the construction of new studies on these phenomena, in order to broaden the understanding of HIV and AIDS for drag queens.

Keywords: HIV; AIDS; Drag Queen; Social Representations.

Recebido: 27/07/2024

Aceito: 16/08/2024